



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

COLÔNIA DE FÉRIAS: UMA POSSIBILIDADE DE RESGATE DE BRINCADEIRAS DE RUA COMO UM ESTÍMULO AO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA

Poliana Gonzaga Rocha¹

Carolina Drumond Porto Carreiro Caldas²

Sílvio Ricardo da Silva³

Resumo: *Este trabalho tem como objetivo apresentar uma intervenção, com crianças de 8 a 9 anos, dentro de uma Colônia de Férias Temática, cujo objetivo foi resgatar antigas brincadeiras como um estímulo ao imaginário da criança. Acreditando que as brincadeiras possibilitam às crianças dar significado e sentido ao mundo, valorizamos diferentes vivências e possibilidades de experiências, apresentando-lhes brincadeiras de rua que as permitiram repensá-las, ressignificá-la e recriá-las. Assim, proporcionamos às crianças o contato com espaços públicos de lazer, onde a liberdade para inventar o brincar é possível. Pontuaremos, ao longo do trabalho, nossas observações a respeito do que foi desenvolvido.*

Palavras-chaves: Lazer, colônia de férias, brincadeiras de rua.

O Programa de Educação Tutorial (PET) Educação Física e Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), realizou como projeto de extensão, no primeiro semestre de 2010, a III Colônia de Férias no Campus (CFC)⁴, para filhos de servidores técnico-administrativos e terceirizados, professores e alunos da UFMG. Essa edição teve como diferencial o estabelecimento de um tema central “Eu amo as minhas férias radicalmente em BH”, que procurou apresentar as diversas possibilidades de vivências de lazer na cidade de Belo Horizonte durante as férias, norteando assim, os trabalhos desenvolvidos durante a mesma. Foram divididas três turmas por faixa etária, nas quais estabeleceram-se diferentes temáticas ligadas ao tema central.

A CFC surgiu da necessidade dos alunos do grupo PET, a partir dos estudos acerca do lazer, colocá-los em prática e, através da intervenção, problematizá-los. Dessa maneira, a CFC se apresentou como uma possibilidade de oportunizar vivências lúdicas e culturais ao público alvo, consolidando a ideia de educação para e pelo lazer (MARCELLINO, 1990), acreditando-se que esse é um processo contínuo.

¹ Licencianda em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. rochapoliana@yahoo.com.br

² Graduanda em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. carol_drumond@hotmail.com

3 Doutor em Educação Física. Docente da Universidade Federal de Minas Gerais. prof.srs@gmail.com

4 A CFC aconteceu no período de 19 a 23 de Julho de 2010, participaram da terceira edição, 150 crianças de 06 a 12 anos, sob a supervisão de 23 monitores da Educação Física, 01 da Matemática, 02 do Turismo e 01 coordenador, doutor em Educação Física.

A tematização da CFC surgiu da necessidade de qualificar, cada vez mais, as intervenções, de forma que as atividades fossem elaboradas seguindo um mesmo princípio e excluindo a idéia de atividade pela atividade. O tema foi definido a partir da ideia de que não é necessário sair de Belo Horizonte para vivenciar determinadas atividades, procurando apresentar às crianças alguns espaços de lazer disponíveis na cidade. Com a divisão das turmas, foi possível o desenvolvimento de sub-temas, sendo que na turma de 8 a 9 anos, aqui relatada, optou-se por resgatar as brincadeiras de rua como forma de estimular o imaginário das crianças, pois estas, nas várias possibilidades de diálogo com os espaços, os diferentes materiais, os brinquedos, as brincadeiras, nas suas fantasias de faz-de-conta, materializam uma riqueza educativa que talvez nenhuma outra relação ou instituição possibilite (DEBORTOLLI, 2002).

Diante do atual quadro em que a sociedade se encontra, no qual a cultura do consumo tem limitado as vivências de lazer das crianças e as tornado passivas diante das produções da indústria cultural, vimos a necessidade de provocá-las a pensar essas velhas brincadeiras como objetos possíveis de ressignificação e transposição do antigo para o atual. Paralelamente, observamos que as diferenças sócio-econômicas apresentadas pelas crianças da CFC foram determinantes para a forma com que elas se relacionaram com as atividades propostas, mostrando a influencia do capital financeiro e cultural em seu processo de socialização e relacionamento com o ambiente.

A partir da nossa experiência na aplicação de algumas brincadeiras consideradas importantes para consolidar o nosso objetivo e a partir de estudos sobre o lazer e a educação, procuraremos, ao longo do trabalho, pontuar os acontecimentos que realmente possibilitaram às crianças o contato com essas brincadeiras de rua, com isso, pretendemos apresentar à comunidade acadêmica uma oportunidade de reflexão sobre a importância do resgate das vivências de lazer dos nossos antepassados, compartilhando a nossa experiência dentro da CFC, apresentando a metodologia empregada e os resultados obtidos.

A III Colônia de Férias no Campus, realizada no período de 19 a 23 de Julho de 2010, contou com a parceria da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia ocupacional (UFMG), Pró Reitoria de Extensão, Fundação Universitária Mendes Pimentel que, forneceu alimentação aos participantes através do Restaurante Setorial II, Departamento de Logísticas e Suprimentos Operacionais (DSG), Centro de Comunicação – UFMG (Cedecom), Parque das Mangabeiras e Parque Ecológico da Pampulha, e a elaboração do projeto de intervenção teve o seu início dois meses antes da data de realização da colônia. A CFC recebeu, nesta edição, 150 crianças, que foram divididas em turmas por faixa etária, 06 a 07, 08 a 09 e 10 a 12 anos, sendo que cada turma contou com 06 monitores, que ficaram responsáveis pelo planejamento de suas atividades. Além das turmas, houve duas salas interativas, com dois monitores cada, e uma secretaria com quatro monitores responsáveis pelo funcionamento geral da colônia durante a semana de intervenção.

A turma de 8 a 9 anos, ao longo desses dois meses, desenvolveu o seu planejamento de acordo com o sub tema “brincadeiras de rua” e propôs atividades dinâmicas em diferentes espaços da cidade de Belo Horizonte. A importância de

apresentar às crianças diferentes possibilidades de brincar, resgatando as vivências de seus antepassados, e levá-las a desenvolver tais brincadeiras em diferentes espaços de BH, surgiu da percepção de que estas crianças estão cada vez mais presas aos condomínios, casas, apartamentos, escolas, shopping centers e espaços muito fechados, nos quais as vivências de lazer são muito ligadas ao que é veiculado pela indústria cultural, limitando as possibilidades de criação das suas próprias brincadeiras.

Partindo desses princípios, apresentaremos aquelas brincadeiras consideradas relevantes para a consolidação do nosso objetivo:

Para provocar a imaginação das crianças, adotamos duas personagens que nos acompanharam durante toda a colônia. No primeiro dia, assim que as crianças chegaram, apresentamos uma galinha e propusemos a elas que lhe dessem um nome. O nome escolhido foi “Gertrudes Josefina”. Em seguida, apresentamos a “Terezinha”, uma boneca de pano, grande, que foi caracterizada como a nossa companheira de férias, que nos acompanharia em todos os lugares. As duas personagens nos possibilitaram trabalhar valores como o respeito, o cuidado e a valorização de objetos simples, capazes de entreter e motivar as crianças. Como exemplo de interação das crianças com essas personagens, podemos citar a comemoração de aniversário da galinha, planejada pelas próprias crianças, na qual elas levaram presentes, demonstrando o seu carinho por ela. Da mesma maneira, ao percebermos o apego das crianças à “Terezinha”, propusemos, no último dia, um caça ao tesouro, com o pretexto de que a boneca havia sumido e que o objetivo delas seria encontrá-la. Foi notável a capacidade de criação e ressignificação das crianças diante do envolvimento das mesmas com o contexto em que elas estavam vivendo.

Dando continuidade à proposta de desenvolvimento da imaginação, contamos a história “João e o pé de feijão” e, em seguida, todas as crianças plantaram o seu pé de feijão e semearam não só o feijão, mas também a sua própria história.

Como forma de estabelecer o primeiro contato dessas crianças com as brincadeiras de rua, elas assistiram ao filme “O menino maluquinho”, baseado no livro de Ziraldo e dirigido por Helvécio Ratton, que traz, de forma simples, diversas brincadeiras que seriam, posteriormente, vivenciadas por elas, como por exemplo, o bente altas, o carrinho de rolimã, o rouba bandeira, o pega-pega etc.

Para a vivência de algumas brincadeiras e a exploração de diferentes espaços públicos de lazer em Belo Horizonte, levamos as crianças ao Parque Ecológico da Pampulha e realizamos atividades manuais, como a construção de pipas, foguetinhos de papel e pára quedas de plástico. Além disso, as crianças brincaram de bente altas, bola, piques e campeonato de rolamento morro abaixo na grama junto com os monitores. Levamos as crianças também, ao Parque das Mangabeiras, localizado na região sul de Belo Horizonte, o qual possui uma extensa área de preservação ambiental e várias trilhas. Elaboramos um percurso que contemplava os seguintes trajetos: Passeio no Parque das Águas; Dança do índio; Visita ao mirante; Banho nas águas profundas e Floresta sombria do mal. Criamos este percurso e seus respectivos nomes como forma de induzi-los a fantasiar o que estaria por vir.

O ponto forte da nossa intervenção foi a confecção de oito carrinhos de rolimã. Ao longo do nosso planejamento, relembramos a nossa própria infância e esta foi uma das brincadeiras que mais nos marcou. Iniciamos a atividade ensinando às crianças como construir o seu próprio carrinho e ressaltando a importância dos equipamentos de

segurança. Compartilhamos também algumas de nossas vivências, contando histórias sobre a nossa infância e os carrinhos de rolimã. Dessa forma, criamos um circuito no estacionamento da Escola de Educação Física da UFMG para a realização de uma corrida com os carrinhos, chamada de "fórmula 1 milhão". Após a corrida, as crianças estilizaram os seus carrinhos com tintas, lantejoulas e durex colorido. Diante do que foi visto no filme "O menino maluquinho", tentamos estimular ainda mais a imaginação das crianças, utilizando objetos alternativos como forma de segurança. Por exemplo: Usamos como capacete um escorredor de arroz. Acreditamos que essas foram formas de estimular as crianças a pensarem na brincadeira como algo simples, possível de ser realizada com diversos materiais e em distintos contextos.

Procuramos desenvolver ao longo da intervenção um olhar crítico dessas crianças diante das atividades propostas, utilizando um método incidental, no qual elas tinham a possibilidade de pensar e decidir como se apropriar das brincadeiras, tendo autonomia suficiente para optar por fazê-las ou não. Ao longo do nosso planejamento, debatemos muito sobre qual seria a melhor forma de apresentar as brincadeiras, tornando-as instigantes mesmo para aquelas crianças que já as vivenciaram. Por isso, procuramos explorar ao máximo a capacidade de imaginação, demandando das próprias crianças a construção de um cenário perfeito para sua participação, onde toda a magia da criação é possível.

Pensando que a experiência é algo que nos toca (BONDÍA, 2002), e que o lazer possibilita um universo de diferentes vivências e a construção da nossa própria cultura, sendo ele uma dimensão desta, nós, monitores, vivemos as próprias experiências que queríamos proporcionar: Brincamos as brincadeiras, cantamos as cantigas de roda, construímos os brinquedos e, durante a intervenção, compartilhamos com as crianças um mesmo universo, no qual a linha que separa monitores e crianças se tornou cada vez mais tênue.

“Poucas vezes a brincadeira acontece do jeito que foi prevista. É por isso que, quando se fala de brincadeira, também se fala em ludicidade. A ludicidade, como dimensão humana, é essa humana capacidade de *brincar* com a realidade: atribuímos permanentemente significado às coisas.” (Debortoli, 2002)

Ao considerarmos a Colônia de Férias no Campus um espaço de aprendizagem e construção cultural, consideramos positivo o resgate das brincadeiras de rua como estímulo ao imaginário da criança, uma vez que elas tiveram a oportunidade de vivenciá-las, pensá-las, ressignificá-las e se apropriarem dessas manifestações. O retorno obtido, através das ações das crianças diante das atividades propostas, nos fez acreditar que, apesar da grande influência da indústria cultural e dos momentos de lazer serem cada vez mais restritos, as crianças não perderam a capacidade de imaginar nem de criticar aquilo que lhe é proposto. Dessa maneira, reconhecemos a importância desse tipo de trabalho ser desenvolvido, já que este apresentou, desde o seu planejamento até a sua execução, considerável adesão, tanto por parte dos monitores quanto das crianças. Devemos, portanto, não limitar as ações da criança ao ponto que estas se tornem dependentes do adulto para brincar, mas é importante que passemos nossas brincadeiras para frente, assim como dito no samba de Edson Conceição e Aloísio, interpretado por Alcione:

“...Antes de me despedir

Deixo ao sambista mais novo

O meu pedido final.

Não deixe o samba morrer...”

dando significado a elas para que os portadores deste legado, as crianças, possam, de acordo com as suas experiências, sempre valorizá-las e transmiti-las.

Referências bibliográficas:

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira ET AL. *As experiências de infância na metrópole*. In: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. MARTINS, Maria de Fátima Almeida. MARTINS, Sérgio. (Org.) *Infâncias na metrópole*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Cap. 1, pag. 19- 46.

AMADO, João. *Brinquedos populares: um patrimônio cultural da infância*. In: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. MARTINS, Maria de Fátima Almeida. MARTINS, Sérgio. (Org.) *Infâncias na metrópole*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Cap. 4, pag. 87- 128.

BONDÍA, Jorge Larossa. *Notas sobre o saber da experiência*. In. *Revista Brasileira de Educação*. Jan./Fev./Mar./Abr. 2002. N°19, pag.20 – 28.

MARCELLINO, Nelson Carvalho de. *O duplo aspecto educativo do Lazer*. In MARCELLINO, Nelson Carvalho de. *Lazer e Educação*. 2ª Ed. Campinas: Papyrus, 1990. Cap. 2, pag.57 – 93.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. *As crianças e a brincadeira*. In. CARVALHO, Alyson. SALLES, Fátima. GUIMARÃES, Marília. (Org.) *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG/PROEX, 2002. Cap. 4, 2ª Parte, pag.77– 88.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. RESENDE, Leandra Fernandes. *Infância e Lazer na cultura do consumo: Um estudo sobre os shoppings centers em uma nova espacialidade urbana*.

¹Avenida Fleming, 390 -bloco 02/apto:102

CEP:31310-490, bairro Ouro Preto, Belo Horizonte – MG

rochapoliana@yahoo.com.br

utilização de data show